

Brasil e Portugal: Representações e Imagens

Elisabete Tavares de Souza

Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro

Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista

Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

“Os laços entre antigas metrópole e colónia são sempre ambiguos. Se, de um lado, encontram-se sentimentos positivos como admiração e afecto, por outro, aparecem mágoas e ressentimentos. Até certo ponto, isso é inevitável e avaliações contraditórias serão constantes, assim como estereótipos e preconceitos recíprocos.”

(Velho, 2000)

1. AS IMAGENS DOS PORTUGUES SOBRE O BRASIL E OS BRASILEIROS

Segundo Lourenço (2000:137), o caso das relações entre Brasil e Portugal é um caso único nos anais, sempre de estrutura labiríntica e, em última análise, inesgotáveis, daquilo que se entende por *situação colonial*. O Brasil, não como realidade inerte (solo, geografia, etc.), mas como aventura humana e histórica, nunca foi uma *colónia*, se se supõe com isso um *colonizador* e um *colonizado*, situação que foi a de Angola, Moçambique, São Tomé, etc. Tal como Eduardo Lourenço afirma, “assimilados, dizimados, rechaçados, os Índios, destinados em princípio a objecto imediato e próprio de uma clássica *conquista-colonização*, nem a esse título podem ser considerados *sujeitos* de um processo clássico de colonização. Deste genocídio são os Portugueses do Brasil os agentes” (Lourenço, 2000:148).

O que realmente importa compreender é que esta *comum história* – mas sobretudo história brasileira – estava vocacionada para receber mais tarde *duas leituras*, uma vivendo da outra, quando, primeiro pelo processo de autonomização, e depois pela independência política, imporia ao Brasil dos séculos XIX e XX a remodelação de uma *imagem* que, sendo essencialmente a sua, crioula, ex-portuguesa na sua raiz linguística, nas suas leis, nos seus processos administrativos, nos seus cânones eclesiásticos, nas suas referências culturais e artísticas, com a adjunção capital africana, continha esse nexo de dependência *metropolitana* na ordem «exterior» e essa «sombra» da escravidão na ordem interna (Lourenço, 2000:139).

A classe dirigente do novo Brasil, do Brasil cada vez mais «Brasileiro», mais multirracial e multicultural, não podia fazer o processo da sua própria dominação, da continuidade «luso-colonial» que nela se perpetua sem se diminuir, sem destruir as bases e as referências que fundavam a sua superioridade económica, política e cultural. A sua estratégia foi a de se ir *esquecendo* do seu natural passado, de deslocar a sua atenção cultural para novas fontes de cultura, reflexo do século XIX que não os afastava tanto assim de Portugal que, indigente também, se comportava da mesma maneira em relação à Europa.

Lourenço (2000:155) descreve o Brasil como sendo o «país do carnaval» e o país do disfarce. Segundo o autor, todos os povos se mascaram, mais ou menos, perante o seu olhar ou o dos outros, mas a perfeição com que o Brasil consumou essa metamorfose não tem igual em nenhuma outra cultura conhecida. Desde que nasceu, o Brasil desenhou-se no olhar dos que nele desembarcam como uma região paradisíaca. E é para conservar esta visão que o Brasil se disfarça e é por isso também que o seu discurso cultural não pode abandonar as margens da hagiografia e do mito. Portugal, que o deu à luz e que está na origem do disfarce, possui um discurso idêntico, mas desapareceu do imaginário Brasileiro há quase um século. Portugal desapareceu no fabuloso estuário do «sangue outro», da «memória outra», do «sonho outro» que estrutura hoje, simultaneamente, a vida real e a vida simbólica brasileira. De todas as antigas terras da «colonização» europeia, o Brasil é a única que não tem «pai». “Não foram os Brasileiros que «puseram entre parênteses» as suas raízes portuguesas, com recusa da relação obcecante de uma *origem vinda de outro lugar*. São os próprios Portugueses a fonte da diluição dos laços com Portugal. Os que ocuparam as terras brasileiras já eram Brasileiros, pois haviam deixado uma pátria exígua e pobre e encontrado um «reino»” (Lourenço, 2000:156). Para os Brasileiros, o único tempo plenamente brasileiro somente existiu antes da autocolonização de que são os actores. Esse tempo somente pode ser senão Índio ou pelo menos o da mãe-África, vítima da história.

A comunidade luso-brasileira é um mito inventado unicamente pelos Portugueses, não sendo vivida do outro lado do Atlântico da mesma forma. “Não é a diferença da escrita da «mesma» língua que constitui preocupação. Bem mais grave é o *conflito cultural*, sob forma de ignorância, recusa ou combate ao outro, que sob a *mesma língua*, através de sorrisos, de abraços, de convivalidades euforizantes, continua a separar cada vez mais os braços de um antigo rio comum” (Lourenço, 2000:143). O que *separa* o Brasil de Portugal é um contencioso de ordem cultural extremamente denso e durável, tão grave que *nunca foi encarado de frente*, em particular pelos Portugueses, imaginariamente complexados pela sua pequenez e pelo seu papel colonizador-colonialista. É possível melhorar este estado de facto, mas o Brasil do século XX é um país de emigração, um país onde a miscigenação cultural é muito superior à mestiçagem étnica.

Que relação pode pois existir entre o imaginário de um povo de 10 milhões de habitantes, como Portugal, prisioneiro de mitos obsoletos e o de um país de 160 milhões de habitantes, entre as quais se contam pessoas vindas da Itália, Espanha, Alemanha, Europa Central, Oriente Médio e do Japão?

Enquanto Portugal absorve, diariamente, há dezenas de anos, as célebres telenovelas da «Globo», os filmes Portugueses não conhecem qualquer sucesso no Brasil. Mas nada disto deve ser motivo de espanto. Faz parte da ordem natural das coisas, visto que, há muito tempo Portugal se perdeu do Brasil. Pois, de ambos os lados – mas sobretudo do lado Brasileiro – comportamo-nos mais como rivais do que como aliados.

A infelicidade dos Portugueses reside no facto de não poderem esquecer esse momento em que, tendo abandonado o porto de origem, se tornaram pequenos demais para os seus sonhos. Mas para o nosso mútuo presente o que seria urgente era rever, sob todos os aspectos, toda essa teia imaginária, hipócrita e nula nos seus efeitos, que se acoberta sob o rótulo de *relações culturais entre Brasil e Portugal*.

Prosseguindo ainda na linha das reflexões de Lourenço (2000:145), contam-se pelos dedos de uma só mão os Portugueses que sabem até que ponto o Brasil é um país para o qual a antiga «mãe-pátria», Portugal, não passa de um ponto vago num mapa, o da Europa. De Portugal, o Brasileiro médio conserva a reminiscência escolar de um lugar donde, há alguns séculos, chegou Álvares Cabral. Graças à preocupação de reforçar simbolicamente a identidade de um país maior do que a Europa inteira, a historiografia e os manuais Brasileiros não fazem senão acentuar esse sentimento de uma ausência de laços vivos, e vividos no presente, entre os nossos dois povos. É evidente que este profundo e, aparentemente, escandaloso esquecimento da existência dos Portugueses e do seu papel na consciência do Brasileiro médio parece relevar de uma espécie de psicanálise histórica, digamos, de um banal recalçamento do acto fundador da realidade brasileira. Basta lembrar aos Portugueses que o ignorem que o Brasil nunca comemorou a data do seu «descobrimento», enquanto os Americanos celebram Colombo, que nunca os «descobriu»...

Os Brasileiros têm razão para se imaginarem, se viverem e se comportarem como se fossem filhos de si mesmos. Já nos princípios do século XVII os Portugueses no Brasil se consideravam *outros* (e superiores...) aos Portugueses de Portugal. O discurso cultural Brasileiro é, a todos os títulos, inaceitável, mas exprime e faz corpo não só com a pulsão grandiosa e mítica que atravessa a actual realidade brasileira e condiciona às suas perspectivas hegemónicas em todos os domínios, mas também com essa *rasura*, já antiga, da raiz lusitana donde precede. Mas esse discurso, com o seu ressentimento latente, com a obrigação que impõe à cultura brasileira de procurar uma *identidade* que sempre teve superlativamente, com ou sem demão de *indianidade* «*a posteriori*», não é nada comparado com o discurso Português sobre o Brasil, discurso onírico e criador do permanente *quid pro quo* das relações portuguesas com a famosa cultura brasileira a que os Portugueses chamam irmã por não ousarem chamar-lhe filial, designações – segundo Lourenço (2000:148) – com alguma verdade afectiva, mas, no fundo, inadequadas. O discurso Português sobre o Brasil, tal como uma longa tradição retórica e historiográfica recita e reescreve sem cessar, é uma pura alucinação portuguesa, que o Brasil nem ouve, nem entende. Já é tempo dos Portugueses saberem ao mesmo tempo das excelentes razões que os Brasileiros têm para não ouvir, nem entender, tal discurso e das ilusões patéticas, mas exteriores, que os Portugueses cultivam para não abdicarem desse diálogo de surdos institucional que é, na sua essência e

na sua realidade, o pseudodiscurso que estruturava essa invenção mítica da outrora chamada *comunidade luso-brasileira*.

A autonegação ou denegação que a cultura brasileira faz de si mesma, ocultando, menosprezando ou, com mais verdade hoje, ignorando o seu nódulo irreduzível e indissolúvel Português, é tão *absurda* e *delirante* como a fixação possessiva, o amor imaginário que os Portugueses devotam a um Brasil, não por ser o que ele é, e o merecer naquilo que é, mas por julgarem que os Brasileiros se vivem como continuação, ampliação ou metamorfose portuguesa (Lourenço, 2000:140).

Lourenço (2000:141) afirma sem intuito de escandalizar, que os Portugueses devem saber, perceber e até compreender que não são um problema para o Brasil. E se o são, quando em momento de ressentimento de imaginários pais mal amados ou ignorados, cedem à tentação de se enervar com a desatenção brasileira a seu respeito. E que é um problema Brasileiro o facto de os Brasileiros não saberem, ou não quererem saber, que origem tiveram, ou de esta questão não os interessar minimamente, ou de preferirem ter nascido de uma bolota, como escrevia Homero, dos naturais do Brasil e da África de que também descendem, ou simplesmente de *si próprios* como deuses do Brasil-futuro que um dia lhes dará esse *passado*, o qual agora não querem ter nas formas consagradas, parecendo hoje hesitar entre a versão do filho bastardo e a do filho de rei.

2. CPLP E LUSOFONIA

No Brasil não se criaram *novos Portugueses*, mas eles derramaram-se em outros continentes para serem apenas *mais Portugueses do que já eram*, até descobrirem que já eram *outros* e que essa nova vida pedia, ou era apetite de, *outra identidade*. Pode-se dizer que dos Portugueses *perdeu-se tudo menos a língua*. E é o sonhar como unido o espaço dessa língua ou a ideia de o reforçar para resistir melhor à pressão de outros espaços linguísticos que os Portugueses projectam no conceito ou na ideia mágica de *lusofonia*. Razão mais do que suficiente, no seu ponto de vista, para desejarem que exista, com um esplendor real e onírico comparável ao do quinto império pessoano, a *Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa: CPLP* (Lourenço, 2000:164).

Fazem parte da CPLP os sete países de expressão oficial portuguesa. Mas existe uma grande dificuldade a superar, que são as barreiras culturais e semânticas que não desapareceram e nem desaparecerão pelo efeito mágico da sua nomeação, mesmo a mais eufórica. O sonho de uma Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa, é por natureza, um sonho de raiz, estrutura, intenção e amplitude *lusíada*. A esfera da lusofonia é, idealmente, a dessa língua, herdada de outras, aparentada com outras, por sua vez um pouco aberta a todas as outras com que entrou em contacto enquanto língua de colonização, sem programa pedagógico de expansão em sentido moderno.

O facto de os Portugueses serem os primeiros actantes da língua portuguesa na ordem da cronologia, isso não lhes dá nenhum privilégio de «senhores da língua», que é sempre senhora de quem a fala.

Há vários anos, uma frase de Pessoa a respeito da sua relação individual com a língua em que se tornou célebre tornou-se citação obrigatória. Todos conhecem a famosa frase de Pessoa: «A minha pátria é a minha língua». Por sua vez, esta citação converteu-se numa litania repetida através do espaço da língua portuguesa, ao mesmo tempo como prova de assimilação de «língua» e «pátria» e como sacralização desse laço indissolúvel. Mas, segundo Lourenço (2000:125) o que Pessoa realmente queria dizer, foi que, à parte a língua portuguesa, universo imaterial do qual extraía os seus sonhos e nele inventava um mundo fora do mundo, ele não tinha *pátria*, pátria no mero sentido «patriótico» e, de algum modo, anedótico do termo.

“A nossa relação com a língua é de outra natureza e é outra a pátria que nela temos ou donde somos” (Lourenço, 2000:126). O único sujeito da língua portuguesa, desta língua que os Portugueses vivem como uma pátria, ou a alma dela, são as gentes que a falam, que a falam e falarão no futuro.

O Brasil, é um continente escrito em Português, mas um Português-outro, adoçado pela brisa dos trópicos, a música africana, o contributo de todos os que o destino aí levou ao longo dos dois últimos séculos.

Segundo Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil, a questão da *distensão* das relações entre os países que agora querem a comunidade não é de ordem circunstancial, ideológica ou política. A questão é realmente de *cultura*, ou talvez melhor, de mitologia cultural, ou até de hermenêutica, imposta pela complexidade dos laços que o mundo lusófono suscitou. Lourenço (2000:167) afirma que o facto de usarmos a mesma língua não significa que tenhamos a mesma cultura. A questão é realmente de cultura ou de mitologia cultural, ou até de hermenêutica, imposta pela complexidade dos laços que o mundo lusófono suscitou.

Para Lourenço (2000:166), por mais estranho que pareça, é a África, onde Portugal foi colonizador no sentido mais imperial que estava ao seu alcance, que hoje os Portugueses vivem com mais familiaridade, pois a África foi muito mais forte e mais interiorizada em termos efectivos e culturais do que a «parte do Brasil para os Portugueses», que, todavia, está presente quotidianamente nas casas portuguesas. O Brasil real, o Brasil profundo, o Brasil que quase há dois séculos é uma nação independente, com uma cultura poderosa, o Brasil dos universitários que estudam mais os Portugueses do que eles a si próprios, é para os Portugueses um continente quase desconhecido. O anel que une Brasil a Portugal circunscreve um espaço cultural menos vivido do que aquele que os une e os torna presentes na cultura africana de expressão portuguesa. Mas este género de mitologia não é nem reversível, nem partilhado, pelo menos no caso do Brasil. Lourenço (2000:168) afirma que os Portugueses vêem demais – em termos de mero onirismo – o Brasil, e o Brasil não os vê, ou tem uma dificuldade enorme em imaginar-se vinculado a uma matriz percebida, aceite ou celebrada como portuguesa. É que os Portugueses não *contam* enquanto cultura – ou mesmo a outro título – no presente, para a cultura brasileira. E também os Portugueses, embora vejam o Brasil, não o vêem realmente, segundo aquilo a que se chama ver, a cultura brasileira. A cultura comum – inscrita nas leis, civis e canónicas, na administração, nos conhecimentos práticos, nos saberes de coimbrã mestria ou de expressão missionária e

pedagógica – não se perdeu, mas ficou a sua leitura sem cessar condicionada pela nova mitologia cultural exigida pelo sentimento de uma nova identidade, pelo seu reforço.

A lusofonia não é nenhum reino. É somente a esfera de comunicação e compreensão determinada pelo uso da língua portuguesa com a genealogia que a distingue entre outras línguas românicas e a memória cultural que, conscientemente ou inconscientemente, a ela se vincula. Desse modo, a esfera da lusofonia não pode ser objecto de considerações que não sejam de ordem fonética ou gramatical.

Ainda seguindo as reflexões de Lourenço (2000:176), sendo o Brasil a nação lusófona por excelência numa mera perspectiva linguística e, ao mesmo tempo, o dinâmico e complexo universo cultural que também é, pouco imaginável pelos Portugueses que a famosa nação-irmã se veja, se sinta e se pense como o centro da nova Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa. E nessa estratégia Portugal há muito que não é referência importante. O Brasil está voltado para o seu espaço natural, a América do Sul, e é lá que o seu estatuto lusófono lhe confere um impacto e uma originalidade de que poucos espaços culturais de vocação mundial podem orgulhar-se.

Pode, por isso, Lourenço (2000:179) afirmar que somente para os Portugueses, a lusofonia e a mitologia da Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa é imaginada como uma totalidade ideal compatível com as diferenças culturais que caracterizam cada uma das suas componentes. Desse modo, o drama para os Portugueses é que, dadas as complexas relações culturais que tecem com o Brasil e as novas nações de expressão oficial lusófona, nenhum dos povos lusófonos se sente empenhado, como os Portugueses, na visão que a lusofonia induz, e muito menos, nos fantasmas não muito antigos que a assimilavam à esfera lusiada. Mas o espaço da lusofonia, não tanto no seu óbvio sentido linguístico, mas como espaço cultural, é um espaço se não explodido, pelo menos multipolar e intrinsecamente descentrado. Querer uni-lo pelo que para os Portugueses é aproblemático, mas também ingenuamente egocêntrico (embora tenham sido os Portugueses os primeiros agentes da descentração europeia), é a melhor maneira de cortar pela raiz o sonho da comunhão. No entanto, para que tal sonho tenha um princípio de realização e seja mais do que o inconsciente reflexo de recuperar o antigo espaço imperial, esse apelo à lusofonia só tem verdadeiro sentido e efeitos práticos se vier de fora. Não é tanto a distância física do centro imperial de outrora que os faz outros, mas ingredientes históricos, linguísticos, sociais, étnicos, que dão um lugar diferente na galáxia supostamente ainda unida do famoso mundo que o Português criou.

3. AS IMAGENS DOS BRASILEIROS SOBRE PORTUGAL E OS PORTUGUESES

Segundo o autor português, Luis Filipe Castro Mendes, no seu artigo “*Portugal e o Brasil: atribulação de duas identidades*” (Mendes, 2000), a rejeição da cultura ibérica foi assumida por um grande número de historiadores Brasileiros como a chave que explicaria todos os atrasos, injustiças e opressões sofridas pelo Brasil. A colonização portuguesa seria o pecado original desta terra, que lhe vedara o acesso merecido ao paraíso.

Esta ideia encontra-se formulada exemplarmente na obra clássica de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil* (Holanda, 1996). Todos os obstáculos ao desenvolvimento do Brasil derivariam dos traços de carácter herdados do colonizador Português, construídos como o tipo ideal, à maneira de Max Weber, e contrapostos àqueles que fundamentam a modernidade, essencialmente derivados da ética do protestantismo. Daí o grande confronto, obsessivo na cultura brasileira, entre o Brasil e os Estados Unidos, encarados estes como o supremo paradigma.

Por outro lado, Gilberto Freyre, autor de *Casa Grande e Senzala* (Freyre, 1993), possui uma obra de interpretação do Brasil antagónica a esta visão. Segundo ele, foi a colonização portuguesa que conferiu a originalidade e o carácter inovador da civilização brasileira, através da miscigenação. É útil salientar como estas duas correntes de interpretação partilham algo em comum: uma visão que da imagem construída do passado histórico deriva para um olhar intemporal sobre o Outro.

Mas hoje Portugal aparece no Brasil, de forma inédita, e para surpresa e desconcerto dos próprios Brasileiros, como um país exportador de investimentos produtivos, alguns em sectores de elevada tecnologia, e não mais como um mero exportador de mão de obra pouco qualificada para pequenas empresas de comércio e serviços. Esta mudança na base material da presença portuguesa no Brasil, embora custe muito a ser digerida pelos Brasileiros, não deixará de trazer mudanças sensíveis na percepção de Portugal por parte dos Brasileiros. Por outro lado, a imagem de Portugal como persistência de uma sociedade de Antigo Regime encravada na modernidade europeia, tão cultivada também pela intelectualidade brasileira, mesmo quando solidariamente a denunciava, dificilmente se sustenta face à realidade actual de um país democrático e em curso de europeização acelerada (Mendes, 2000).

É importante lembrar que a imagem de Portugal para os Brasileiros tem sido a de um país atrasado, arcaico, imune à mudança, país ancorado no tempo como uma nau de pedra silenciosa. Para os conservadores trata-se do autêntico guardião das tradições de que nasceu o Brasil; para os progressistas, resumo de tudo o que o Brasil deveria destruir dentro de si para ser verdadeiramente moderno. Na verdade, e para ser minimamente justo, Portugal só tem sido tratado pelos Brasileiros como um antepassado.

Se de um lado estão os que aceitam a herança portuguesa como uma matriz fundadora da identidade brasileira, do outro estão aqueles que, não podendo negar essa realidade, não se conformam contudo que assim seja, porque pensam sinceramente que todos os atrasos e as injustiças do Brasil derivam em linha directa da colonização portuguesa. Para dar um exemplo, entre os mais notáveis, um livro como *Os Donos do Poder* de Raymundo Faoro (Faoro, 1975), na sua visão fixista da sociedade brasileira (tudo se joga na sociedade estamental herdada da colonização portuguesa, que se mantém metafisicamente incorrupta através dos séculos), vem tornar mais compreensível a dificuldade que os Brasileiros sentem em reconhecer no antigo país colonizador mudanças que muitas vezes não conseguem ver no Brasil. É que o Brasil nunca será “um imenso Portugal”, pela simples razão de que há quase 200 anos que andamos separados (Mendes, 2000).

Mendes (2000) afirma que o que se pode notar é que, para um Português, é mais claro e mais saudável este sentimento de separação do Brasil do que para um Brasileiro. E que o colonialismo Português jogou-se no seu tempo nos dramas de África e há muito que reconheceu o Brasil como uma outra nação. Acrescenta Mendes que o Brasil, independente há quase 200 anos, faz gala em se proclamar colonizado. Deste modo, apesar de Portugal continuar a ser o *horresco referens* para a identidade brasileira, ele continua a ser necessário, de uma forma ambivalente, para essa mesma identidade.

Assim, se por um lado a tradicional ideologia anti-portuguesa conhece hoje no Brasil um sensível recuo, registando-se da parte dos intelectuais Brasileiros uma nova curiosidade pela cultura portuguesa, reconhecida agora nas manifestações da sua novidade e não mais como expoente de um purismo linguístico arcaizante, sempre algum velho anti-lusitanismo ressurgiu aqui e além, hoje em ligação com esta ofensiva cultural “pós-colonial”, através da qual as universidades americanas fomentam o anti-europeísmo.

Segundo Mendes (2000), envergonhar-se da própria origem é apenas a atitude típica do homem do ressentimento. A América foi um sonho dos europeus. Os Portugueses sonharam tanto com o Brasil como todos os europeus sonharam com a América. Não foram os Portugueses mais do que os outros, mas também não foram menos. Por isso, do que deixaram podem orgulhar-se, sem ilusões idílicas nem remorsos tardios, porque a violência na História foi para os Portugueses, como para todos, o quinhão da mesma humanidade. É que, Portugal são os Portugueses e as Portuguesas de hoje, não esse país obscuro e de antanho, convidado de pedra no tempo e na memória, que tantas vezes os Brasileiros identificam com Portugal, projectando nos Portugueses a imagem do seu próprio passado: “Desse passado vimos, mas também contra esse passado nos fizemos no que somos hoje, para o bem e para o mal. Desmentindo o belo poema de Manuel Bandeira, os Portugueses não podem ser os avozinhos dos Brasileiros, pela simples razão de que temos a mesma idade” (Mendes, 2000).

Segundo Renato Cordeiro Gomes (Gomes, 2000), para interpretar o Brasil do seu tempo, Paulo Prado em *Retrato do Brasil*, enfrenta a “provocação” em relação à herança portuguesa e traça o “retrato” sem as tintas do ufanismo, revelando as mazelas do país, cujas causas vai buscar à história de formação política, social, racial, moral e cultural da nacionalidade, uma formação defeituosa, doente, que afecta a esfera pública. A visão pessimista detecta o estado do país como resultado dessa doença moral, perigosamente arraigada na tradição e obliterada por uma auto-imagem superestimada, herança do romantismo.

O diagnóstico de Paulo Prado detecta a herança colonial e o que ela forjou na formação dos Brasileiros, como algo que se manifesta no atraso, impedindo o desenvolvimento e o progresso. Chega a propor a solução radical que poderia vir através da Revolução: a própria ruptura em acção, promovendo a mudança identificada ao progresso como gesto fundador da modernidade. Diz ele: “Força nova que surge como destruidora das velhas civilizações e das quimeras do passado. É a Revolução” (Prado, 1997:210). E conclui: “Apesar da aparência de civilização, vivemos assim isolados,

cegos e imóveis, dentro da própria mediocridade em que se comprazem governantes e governados. Nesse marasmo podre será necessário fazer tábua rasa para depois cuidar da renovação total”. Ao reivindicar um novo começo, o ensaísta está implicitamente respondendo à pergunta: “o que faremos com esta tradição?”. Para Paulo Prado, negar a tradição significava um gesto inaugural, descontínuo, a barrar a permanência e a transmissibilidade. O gesto de ruptura apontava para o ingresso do Brasil no clube dos modernos e progressistas, para quem a tradição legada pela colonização é um empecilho (Gomes, 2000).

Gomes (2000) afirma que é justamente frente à “forma actual da cultura brasileira”, cuja raízes são investigadas, que cabe a “provocação” referenciada à herança portuguesa, no momento em que se agudizam as contradições e se pretende formular um projecto moderno para o Brasil. Assim, sistematizando os traços da tradição brasileira que foram herdados, o historiador a vê formada através da colonização que se pautou pelo personalismo tradicional, atrelado às formas fracas de organização (associação que implique solidariedade e ordenação), à frouxidão das instituições e à falta de coesão social; pela visão hierárquica e autoritária da sociedade; pela falta de racionalização da vida, o que indica a repulsa da moral fundada no culto do trabalho sistemático; pela acentuação do afectivo, do irracional, do passional, logo a atrofia das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadas; pela civilização de raízes rurais que permite a autarquia da fazenda, em detrimento das cidades, da res-pública: a entidade privada precede sempre a entidade pública, o que, por sua vez, se conjuga com o patriarcalismo enquanto marca da velha ordem familiar, com o predomínio das vontades particulares que privilegiam os laços afectivos e de sangue, gerando a “cordialidade”, marca do carácter Brasileiro que ele associa a “condições particulares de nossa vida rural e colonial, que vamos rapidamente superando” (Gomes, 2000).

Para Gomes (2000), o prolongamento desses traços (aqui sintetizados) faz aquela “provocação” permanecer em pauta. Assim, essas marcas características são rastreadas em função de um possível projecto moderno para o Brasil, a ser fundamentado na racionalidade da norma abstracta, na organização da esfera pública, adequada às relações impessoais que decorrem da posição e da função do indivíduo, o que implicaria pôr em causa os aspectos retrógrados, patriarcais e paternalistas que se estendem da casa-grande à sociedade como um todo. Frente a esse projecto, o historiador vê a herança da tradição como um entrave à tentativa de modernização racional do país, ainda alimentado pelas “raízes” de sua formação cultural, cujas características são avessas ao fenómeno moderno. A proposta de dissolução da ordem tradicional, ao implementar esse projecto, requereria a liquidação dessas “raízes” (as linhas tradicionais), em benefício dos rumos abertos pela civilização urbana e cosmopolita.

Se Sérgio Buarque propõe, contudo, em *Raízes do Brasil*, a superação de traços da herança ibérica, como condição para construir uma nação moderna, em contrapartida Gilberto Freyre (Freyre, 1933) inscreve-se num tipo de modernismo conservador que relê a tradição por uma clave altamente positiva, buscando contribuir para uma modernidade que não se funda na ideia de progresso. Em *Casa Grande & Senzala* (1933), escreve o elogio da colonização portuguesa, ressaltando as vantagens da misci-

genação numa leitura eufórica do tipo de sociedade resultante da aço, plástica e flexível do colonizador, que gera, segundo ele, uma “democratização social”. Buscando nas características congénitas, oriundas da matriz lusitana, uma capacidade de acolher formas dissonantes, o sociólogo pernambucano condensa na ideia de “plasticidade” as três características – mobilidade, miscibilidade e aclimatabilidade – que foram as condições para a expansão ultramarina portuguesa. Nas palavras de Ricardo Benzaquem Araújo, da miscigenação à plasticidade, a argumentação de Freyre “reforça aquela visão idílica da colonização portuguesa no Brasil, sustentada justamente pelo descarte dos conflitos e pela ênfase na adaptação, na tolerância recíproca e no intercâmbio – principalmente – sexual” (Freyre, 2000). No dizer do historiador Evaldo Cabral de Mello, até aos anos 30 deste século, a ideologia “nacional” esbarrava sempre no pessimismo racial e no ónus da colonização portuguesa. E que partir dessa data, o Brasil transitou do pessimismo entranhado à euforia irresponsável acerca do futuro nacional. Parte desta mudança de clima mental deveu-se à *Casa Grande & Senzala*, obra que transformou a miscigenação e a colonização portuguesa, de passivos em activos da história brasileira (Mello, 1999).

As contradições do modernismo brasileiro, de que se rastrearam aqui alguns traços, permitem configurar um dos possíveis esboços de perfil do movimento que se atrelava a propostas ideológicas progressistas e democráticas, ao mesmo tempo se ligava ao modelo de país politicamente ancorado no projecto de modernização autoritária e elitista. As leituras do movimento, entretanto, até há pouco tempo, privilegiaram o viés da renovação estética e ideológica sob o signo do experimento revolucionário e da vanguarda, em detrimento dos valores legados pela tradição. Levar em conta essa contradição permite recuperar as tensões que possibilitam depreender daí outros sentidos, ampliando as versões canónicas.

Através do recorte, que estrategicamente este ensaio efectuou, olhar a herança cultural portuguesa enquanto “provocação” abre campo para ver-se o modo como ela funciona como lastro, estratégia que possibilita ler e verificar o modo como a tradição circula. Entretanto, voltar hoje àquela “provocação” é aceitar o desafio da pergunta-problema “que faremos com esta tradição?”, a qual nos serve, ao mesmo tempo, para perceber a debilitação dos esquemas cristalizados de “unidade” e de “autenticidade”, quando se sabe que, longe de ser uma construção nacional, a cultura configura-se cada vez mais como um processo de montagem multicultural, como actividade gestada em diversos centros, para a qual os referentes tradicionais de identidade estão perdendo importância diante do carácter transnacional das tecnologias e do consumo de mensagens e produtos simbólicos. A tradição herdada e transmitida não pode mais assegurar a homogeneidade da cultura nacional, mas pode ser ressemantizada e reciclada pelas operações de transação cultural (Gomes, 2000).

3.1. A HISTÓRIA DE UMA ANTROPOLOGIA LUSO-BRASILEIRA

Segundo o antropólogo brasileiro Gilberto Velho, pela própria história se verifica a maior antiguidade do estado-nação Português que gerou, em grande parte, o Brasileiro. Há uma precedência, portanto, no tempo, permitindo metáforas e analogias com a família e a geração. O Brasil foi, efectivamente, a grande colónia de Portugal, onde se construiu uma nova sociedade e depois um país de forte complexidade sócio-cultural. Um factor fundamental de aproximação é a língua, embora muitos Portugueses considerem que no Brasil fala-se o Brasileiro e não o Português... Não há como subestimar essa unidade linguística, apesar de diferenças não triviais, para a esfera cultural e para as interacções sociais.

As variações em sotaque, em uso de vocabulário, em construção de frases, podem dar margem a alguns mal-entendidos e confusões, assim como a muitas piadas, mas não obscurecem o facto principal de existir um instrumento básico que permite a interacção e o contacto directo, sem traduções nem intermediários.

Essa “unidade” não é uma bênção dos deuses, mas fruto do processo sócio-histórico com um projecto político conduzido com eficiência pelo estamento burocrático luso-brasileiro, nos termos de Raymundo Faoro, retomando Weber (Faoro, 1975). A independência do Brasil proclamada pelo filho mais velho do Rei de Portugal representou um tipo de ruptura muito particular, mantendo-se a dinastia dos Bragança nos dois países. Embora isso desse margem a conflitos infundáveis, não se devendo subestimar os movimentos anti-Portugueses e anti-Bragança no Brasil, permitiu uma continuidade político-administrativa única no panorama latino-americano. A condição de monarquia, durante sessenta e sete anos após a independência, colocou o Brasil numa posição peculiar frente aos seus vizinhos, juntando-se à singularidade de país de língua portuguesa. Inegavelmente essas características da história brasileira mantiveram-no muito próximo da antiga metrópole, sobretudo no que toca às suas elites políticas e sociais. A própria construção da sociedade brasileira, seja pela natureza de sua expansão, seja através do regime escravocrata, gerou, no entanto, um processo que viria a diferenciá-la drasticamente da portuguesa.

Como mostrou Sérgio Buarque de Holanda (Holanda, 1996), a presença de uma população ameríndia, mesmo em grande parte dizimada, produziu combinações e interacções sócio-culturais significativas. Por exemplo, a importância da língua tupi, accionada inclusive pelos jesuítas, foi notável em boa parte do Brasil, sendo, durante vários séculos, veículo de comunicação alternativo ao Português.

A escravidão introduziu em grande escala a mão-de-obra africana. Desde a segunda metade do século XVI, até a segunda metade do XIX, durante cerca de quatrocentos anos, milhões de negros Africanos, de regiões e culturas diferentes, chegaram ao Brasil com suas crenças, valores, memória e experiência social. É importante ressaltar tanto a diversidade sócio-cultural dos Africanos como dos Ameríndios, evitando generalizações do senso comum, com imagens simplificadoras do “negro” e do “Índio”. Os próprios Portugueses que foram para o Brasil devem ser percebidos nas suas particularidades de origem e, ao longo do tempo, distinguindo-se o colonizador do

século XVI do imigrante do século XIX, por exemplo. Quanto aos Africanos, a obra de Gilberto Freyre mostra, com brilhantismo, sua participação decisiva na formação da sociedade brasileira. Conforme ele demonstra, essa influência manifesta-se em várias dimensões e domínios, como na música, na dança, na alimentação e na própria família (Freyre, 1933).

A verdade é que com a mestiçagem e os cruzamentos inter-raciais, com as trocas e a assimilação, com a tolerância pelas diferenças e a interpenetração de culturas, os Portugueses deixaram de parte a obsessão de impor, inteiriços e puros, os valores europeus, como aconteceu com outros povos colonizadores que não se importavam com as contribuições dos indígenas ou dos negros. Sob esse aspecto, o Português foi diferente e através de uma amostra de identificação, nem o trópico o degradou, nem tampouco foi por ele degradado (Costa, 2000).

Em nenhuma outra região tropical as marcas, os genes, as influências e os patrimónios podem ser comparados aos que ficaram no Brasil. Desde a formação da sociedade ao formato das instituições; da catequese à miscigenação; das técnicas de produzir aos costumes; das monoculturas ao latifúndio; do sagrado ao profano; da violência à conciliação; do sincretismo à tolerância – em tudo podemos sentir o *ethos lusitano*, mais próximo ou mais longínquo, mais forte ou mais brando, nos fluxos e refluxos do tempo. Só no Brasil o homem Português foi inteiro, a lembrar o verso pessoano; ou melhor, só no Brasil foi grande, o que não é de surpreender, pois, como escreveu Agostinho da Silva, a partir do século XVII muitos Portugueses começaram a ver do outro lado do Atlântico um “Portugal ideal”, projectado no tempo e no espaço, em contraposição ao “Portugal real”. E é ainda essa projecção que alimentará até meados deste século, no imaginário dos Portugueses, dentro ou fora do contexto do trópico, o sonho do Brasil. Não era a colonização, mas já era a diáspora dos emigrantes; não eram os fidalgos de linhagem, os funcionários da Coroa e os protegidos do rei, mas eram os jovens pobres da província; não eram os senhores de pendão, mas eram os transmontanos de enxada, os minhotos sem quinta e sem leira, os beirões e os ilhéus sem trabalhar – todos iam para o Brasil cumprir seus projectos de vida (Costa, 2000).

Um tema que tem merecido atenção especial dos antropólogos é a crucial importância das religiões afro-brasileiras para a compreensão da cultura brasileira. Os rituais de transe e possessão, com a crença generalizada em entidades, orixás, eguns e espíritos, no candomblé, umbanda e variantes, marcam, indelévelmente, as crenças e sociabilidades brasileiras (Bastide, 1971). A igreja católica é certamente muito importante no Brasil, quer através de sua influência nas elites, quer pelo próprio catolicismo popular que se apresenta em diferentes versões pelo país, com seu culto a santos, festas e procissões, muitas vezes combinado com outros cultos como o candomblé da Bahia (Carneiro, 1948 e Zaluar, 1983). Não é demais insistir na drástica diferença que a presença e participação propriamente africana na sociedade brasileira estabelece em relação a Portugal, onde encontramos grupos minoritários Africanos, sobretudo provenientes das ex-colónias, mas que não têm o peso e o papel que os Africanos e seus descendentes desempenham na sociedade brasileira (Velho, 2000).

Tanto nas novelas de televisão como nos desfiles de escola de samba, o tema de identidade nacional aparece de diferentes modos. A participação portuguesa é bastante neutralizada, enquanto os Africanos e os Ameríndios, sobretudo, nas escolas de samba, têm merecido destaque. Existe no Brasil uma preocupação nítida com as identidades sócio-culturais da nação. Assim, apesar da violência e das frustrações sociais, ou por isso mesmo, existe um forte dinamismo cultural no Brasil, produzindo interações entre diferentes categorias sociais. A tensão e o conflito não impedem um processo contínuo de troca cultural em exemplos expressivos como o samba, a capoeira, o carnaval, a esfera religiosa e o futebol.

Portugal, na sua formação, contou com a participação de várias categorias étnicas e sociais, ressaltando-se, ao lado da vertente, propriamente, europeia, a presença árabe, moura e norte-africana, não só durante a longa presença muçulmana na Península Ibérica, mas por vários outros tipos e contactos no decorrer da história. Embora se tenha mantido sempre como sociedade em permanente interação e troca com outros povos e culturas, registe-se a precoce consolidação de uma identidade sócio-cultural portuguesa associada ao estado-nação (Mattoso, 1998). Já no Brasil, além dos Portugueses, Ameríndios e Africanos, assinala-se a presença fundamental de outras nações através da imigração. O “branco” original é o Português, que é a base da presença europeia. Mesmo depois da independência constitui, durante muito tempo, a principal corrente imigratória. São pessoas de diferentes estratos sociais e origens que se espalham por todo o território Brasileiro. Já muito se falou sobre a herança e influência portuguesa, mas nunca é demais enfatizar que a língua e a unidade político-administrativa somam-se à importância numérica e presença generalizada dos Portugueses que caracterizam essa participação fundadora e sempre presente em todos os níveis e dimensões sócio-culturais. Em seguida, tanto em termos numéricos, como pela sua importância crucial em várias regiões do Brasil, destacam-se os italianos. Desde a segunda metade do século XIX, em parte como processo de substituição da mão-de-obra de origem africana, chegam ao campo e, progressivamente, às cidades. Os espanhóis têm presença marcante na história do Brasil, trazendo para a América a sua relação com os Portugueses. Durante o período da União Ibérica (1580-1640), a influência espanhola foi forte a vários níveis, inclusive por sua luta com os holandeses que ocuparam, durante cerca de um quarto de século, parte do Nordeste açucareiro, deixando também marcas. Os alemães ocupam um lugar importante, especialmente no Sul do Brasil. Outros grupos de imigrantes recebem destaque, como os sírio-libaneses e judeus, presentes em boa parte do país. Poloneses, suíços, austríacos e ucranianos devem ser mencionados por sua presença em locais específicos. Os japoneses estão fortemente presentes no Estado de São Paulo, cuja capital é a cidade do mundo com maior número de habitantes de origem nipônica fora do Japão. Frise-se que todos esses imigrantes, de diferentes grupos étnico-culturais, se inseriram numa sociedade fortemente desigual em processo de saída ou recém-saída da escravidão, numa transição híbrida de castas para classes, apresentando mecanismos de exploração de mão-de-obra dos mais opressivos. A grande diversidade sócio-cultural, no entanto, tem como consequência uma certa variação nos tipos de adaptação e integração (Velho, 2000).

Certamente esse é um quadro muito diferente da composição étnico-cultural da sociedade portuguesa, bem mais homogénea, embora de modo relativo e não absoluto, pois sabemos da participação e presença de outras nacionalidades na sua história, até pela posição estratégica do seu território. Sobretudo, são as características do Estado nacional Português que colocam o país em permanente interacção com outros povos, tendo o comércio como instrumento privilegiado. O facto é que Portugal passou a ser, progressivamente, um país de emigração, tendo o Brasil, por muito tempo, como principal porto de destino.

De qualquer forma, ao contrário de Portugal, o Brasil tem um imenso território contínuo a ocupar e a ser explorado. Desde as entradas e bandeiras, a partir dos finais do século XVI e início do século XVII, tem havido importante deslocamento de populações, expandindo fronteiras e, mais recentemente, provocando um gigantesco aumento da população dos principais centros urbanos. Os desequilíbrios, a má distribuição de renda, as secas, as crises económicas e a atracção exercida pelas cidades, sobretudo as do Sudeste, estimulam e aceleram esse movimento. De qualquer forma, a área de mais de oito milhões e meio de quilómetros quadrados e a população de cerca de cento e sessenta e cinco milhões de habitantes dão ao Brasil um potencial, só parcialmente actualizado. A exploração e aproveitamento de suas riquezas e o desenvolvimento de seu mercado interno oferecem possibilidades que, há muito tempo, despertam o interesse de gregos a troianos, provocando cisões e conflitos não desprezíveis, nos planos quer interno quer internacional.

A violência no Brasil, principalmente nas grandes metrópoles é actualmente um tema bastante preocupante, causado principalmente pela explosão demográfica que, por sua vez, impulsionou uma urbanização acelerada pelas desigualdades regionais e iniquidade social. A corrupção, constantemente denunciada, também reforça o sentimento de descrédito com a percepção de impunidade e ausência de justiça.

3.2. 500 ANOS DE BRASIL E ESTEREOTIPIA

Para o historiador britânico Kenneth Maxwell, um dos mais importantes estudiosos da história de Portugal e do Brasil, as comemorações dos 500 anos de Brasil revelaram a autoconfiança brasileira, diferentemente do que se passou em países como México e Estados Unidos em 1922, quando completaram cinco séculos da chegada de Cristóvão Colombo à América (Maxwell, 2000).

Segundo Maxwell há entre Portugal e o Brasil várias zonas de contacto do ponto de vista da cultura, mas, na vida quotidiana, elas são hoje sociedades completamente diferentes. Afirma ainda que Portugal tem mudado muito, embora ainda seja uma sociedade muito fechada em relação à brasileira. A grande diferença entre os dois países está no âmbito económico pois, sendo o Brasil um país continental, os Brasileiros sentem-se parte de um grande país, enquanto os Portugueses acham que são ainda menores do que realmente são. Nesse sentido, o Brasil, como civilização, é mais parecido com os Estados Unidos. O historiador ainda acrescenta que Portugal tende a con-

siderar que a Independência do Brasil foi um presente do colonizador, e não consequência da luta dos habitantes do país. Em relação à cultura, na opinião de Maxwell, os historiadores têm feito um grande trabalho, olhando sobretudo para a vida quotidiana dos Brasileiros e Portugueses.

Maxwell sublinha que nas comemorações de 500 anos de Brasil não se festejaram igualmente os 500 anos de imprensa, 500 anos de bibliotecas públicas, 500 anos de escolarização (foi preciso séculos para algumas destas datas). Boa parte dos intelectuais Brasileiros tendem a concordar com os viajantes sobre a difícil implementação da cultura erudita no país, especialmente no período colonial. Lamentam-se pela ausência ou escassez de livros, escolas, tipografias, bibliotecas, livrarias, culpando a coroa portuguesa pelo atraso.

A transferência da família real para o Brasil teve forte impacto no cenário cultural, e por conseguinte, na circulação de livros de outras localidades além de Portugal. Se, por um lado, o Português justificava a falta de livros porque não havia interesse em relação aos livros, por outro lado, o Brasileiro dizia: “como poderia haver interesse se não havia incentivo?”.

Em Portugal, ser ou não Brasileiro é uma questão bastante fluida e varia segundo diversas interpretações. O Português que viveu muito tempo no Brasil e que fala como brasileiro pode receber o “Brasileiro” como apelido. Ou ainda, aqueles que têm no Brasil sua pátria afectiva (nascidos lá ou cá), podem ser tomados como Brasileiros. Nesse jogo, entram em acção território, língua, costumes e estereótipos, como revela o artigo “Identidade na Diáspora: o papel das permanências e estereotipizações na experiência de imigrantes Brasileiros no Porto”, de autoria do antropólogo Igor José de Renó Machado (Machado, 2000).

Estereótipo é uma convicção não fundamentada e irracional sobre um conjunto de ideias ou situações. Funciona semi-inconscientemente e é partilhada colectivamente. Usa a realidade como fonte de confirmação, mesmo quando a realidade parece apontar para o contrário (Lima, 1996).

Ora, parece este ser o caso de mitos estereótipos que circulam entre Portugueses e Brasileiros. Com a explosão da imigração brasileira para Portugal, durante a década de 1990, somada à crescente exibição de novelas brasileiras por televisões portuguesas, tem crescido a sensação de “invasão brasileira” entre a população portuguesa. O artigo de Machado mostra que a interpretação feita dos Brasileiros pelos Portugueses é elaborada a partir do antigo binómio sexo e malandragem. Do mesmo modo, quando os Brasileiros interpretam os Portugueses, partem dos estereótipos existentes sobre os Portugueses no Brasil, seja para refutá-los ou confirmá-los.

Machado entende que as representações significam metaforicamente para Portugueses e Brasileiros papéis, de acordo com os quais vão desenvolver roteiros de acções e que os estereótipos são esses roteiros imaginários, aos quais os Brasileiros às vezes se rendem, outras estimulam, e outras recusam. Por isso as representações são múltiplas e facetadas (Machado, 2000). No quotidiano, esses estereótipos seriam tão importantes que significariam a delimitação de espaços de trabalho aos Brasileiros. Ele afirma que, dentro do mercado de trabalho da cidade do Porto, a presença dos Brasilei-

ros destaca-se no que é considerado 'hotelaria', que são os serviços de restaurantes, casas nocturnas, bares e lojas de atendimento em geral. Dentre os motivos práticos e simbólicos dessa delimitação encontram-se: a falta de mão de obra na área do turismo, a necessidade de se falar Português, que exclui os imigrantes do leste europeu e, finalmente, a noção presente no senso comum Português de que a alegria e a simpatia fazem parte da essência do ser Brasileiro, tornando-o naturalmente adequado ao atendimento ao público. A parte mais cruel deste estereotipado senso-comum Português recai sobre o imigrante Africano, relegado aos trabalhos que envolvem força física e não o contacto com o público.

Para Machado (2000), no entanto, a estereotipização vai além de uma reserva de mercado de determinadas actividades para os Brasileiros. Segundo as suas investigações, outras instâncias que lembram o Brasil para os Portugueses são associadas ao binómio "sexo e malandragem". A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) vem crescendo consideravelmente em território Português e é relacionada imediatamente com o Brasileiro e a estereotipia da malandragem e a corrupção. Já a crescente exibição das telenovelas brasileiras seria vista como um "imperialismo cultural" e adequar-se-ia à ideia de que no Brasil os parceiros sexuais são menos fixos. Machado (2000) afirma que é possível que os actores Brasileiros sejam estrelas em Portugal e, ao mesmo tempo, as novelas com altíssima audiência sejam usadas para reforçar estereótipos pouco louváveis sobre o Brasil (como a ideia de que no Brasil a licenciosidade sexual é regra, implicando numa espécie de vale-tudo nas relações pessoais).

O outro par estrutural apontado por Machado (2000) como correspondente ao binómio "sexo e malandragem" ligado à representação dos Brasileiros pelos Portugueses são as prostitutas e os dentistas. Após o grande fluxo de profissionais dentistas para Portugal e das disputas com os dentistas Portugueses, os dentistas Brasileiros passaram a ser associados à malandragem. O primeiro elemento desse par, as prostitutas, encerraria ao mesmo tempo os dois aspectos, o sexo e a malandragem, ambos com conotação negativa. Uma outra categoria social, que engloba os dois pólos, embora de forma menos pejorativa, são os jogadores de futebol. E não é por acaso que a piada corrente de que no Brasil só há prostitutas e jogadores de futebol é tão frequentemente ouvida.

Para além de tudo isto, uma certa animosidade intelectual entre Brasileiros e Portugueses alimenta e ao mesmo tempo é alimentada pela escassez de estudos que um país realiza sobre o outro. Essa escassa troca de informações culturais entre Brasil e Portugal torna a distância que separa os dois países bem maior do que os 7.700 quilómetros entre o Rio de Janeiro e Lisboa.

A história de Portugal é estudada nas escolas brasileiras como um reflexo da história Brasileira e, mesmo assim, só até a Independência do Brasil (1822). Dessa maneira, a formação do império colonial Português, que tornaria o país um dos mais importantes do mundo no século XVI, só é conhecida pelos estudantes Brasileiros porque o Brasil é parte desse processo. Esse desconhecimento cria uma percepção distorcida da Cultura Portuguesa pelos Brasileiros, e vice-versa, reforçando estereótipos negativos. Para Maria do Carmo Martins, historiadora da Universidade Estadual de

Campinas, como Portugal não tinha projecto nos primeiros 30 anos de colonização, fica uma imagem de descaso, que acaba sendo transposta aos Portugueses. Além disso, o desconhecimento da História Portuguesa impede um estudo aprofundado de nossas raízes culturais (Martins, 1999).

Nos últimos anos, essas diferenças foram acirradas com a entrada de Brasileiros em busca de trabalho no mercado Português, e Saraiva (2000) admite que os ressentimentos não morreram nem vão morrer. E que a imigração de baixa qualidade (prostitutas, passadores de droga, etc.), além dos que vinham disputar lugares de trabalho num país que começava a ter alguns problemas de desemprego, trouxe certa perturbação e em alguns lugares há uma imagem pejorativa do Brasileiro, que não existia em Portugal e não existe de maneira geral.

Do mesmo modo, para Jorge Couto, historiador da Universidade Clássica de Lisboa, sem o melhor conhecimento dos dois lados não será possível ultrapassar os estereótipos, quer da piada do Português, que remete ao século XIX, quer da visão desfocada do Brasileiro que circula em alguns meios Portugueses (Couto, 1999).

Para os Portugueses, os Brasileiros são preguiçosos, mas a ideia de que os Brasileiros são preguiçosos não é, de modo algum, estranha à cultura do país. O herói nacional sem carácter, Macunaíma, retratado pelo modernista Mário de Andrade, vivia a falar da sua própria preguiça (Andrade, 1928).

São também parte desse património simbólico a ideia da indolência indígena e a crença na inferioridade da mestiçagem e nos efeitos negativos do clima tropical sobre o trabalho.

Diversas teorias foram elaboradas a esse respeito e, por mais que tenham sido repelidas ou criticadas, sobrevivem num substrato ideológico que ajuda a moldar a imagem do Brasileiro. Apesar disso, Portugueses que conhecem bem as relações entre os dois países, como o professor de história Arlindo Caldeira e o jornalista José Carlos Vasconcelos, editor do "Jornal de Letras", dão outras pistas para entender como Portugal vê a preguiça brasileira. Ambos crêem que essa imagem também está relacionada com a visão que os Portugueses, no final do século passado e nas primeiras décadas do actual, tinham da ex-colónia. O Brasil figurava no imaginário Português como um lugar de oportunidades, um país imenso, com muitas riquezas naturais e fantástico potencial. Com essa terra mítica na cabeça muitos foram para lá e, apesar de muitas vezes ignorantes e pouco preparados, acabaram prosperando. Disso derivaria a ideia de que os Brasileiros não seriam capazes de explorar as potencialidades de seu próprio país, de que tinham, ao contrário dos Portugueses, tudo para enriquecer, mas não o faziam por pouca dedicação ao trabalho.

CONCLUSÃO

As relações entre Brasil e Portugal, são muitíssimo importantes para um conhecimento mais aprofundado das suas respectivas inserções no mundo contemporâneo. Seria útil procurar perceber como Portugal e Brasil participam, em termos culturais, do

processo de globalização e como têm lidado com a questão das respectivas identidades nacionais.¹

A ligação dos Portugueses com a Comunidade Europeia introduziu dimensões novas, enfatizando mais a condição de europeu, reforçada pelo grande número de imigrantes lusos hoje vivendo em vários desses países. O Mercosul, nesse ponto, pouco trouxe, pois não há evidência de sinais de produção de identidade supranacional para os Brasileiros. Por outro lado, voltando à relação directa entre Brasil e Portugal, cabe indagar sobre as perspectivas da comunidade de língua portuguesa que, como sabemos, inclui também outras ex-colónias. O facto da separação entre os dois países ter ocorrido há cento e setenta e oito anos, entre outras razões, dá uma perspectiva temporal diferente de separações mais recentes.

Outro ponto extremamente interessante para ser analisado seria a questão da identidade brasileira. Para as elites brasileiras, ela é claramente assumida como ocidental, mas sob outros pontos de vista não o é, como por exemplo, externamente, mesmo em algumas instituições académicas internacionais, aparecendo o Brasil como *non-western society*.

Internamente, os movimentos negro e índio questionam seriamente essa identidade ocidental, insistindo na importância do número de Africanos trazidos para o Brasil e do elevado grau de mestiçagem. Deste modo, a maior parte da população teria, biologicamente, sangue negro, a que se somaria o peso da herança cultural na formação da sociedade brasileira. No caso dos Índios, enfatiza-se a sua precedência no território hoje Brasileiro, além de se apontar a sua condição de vítimas de uma ocupação europeia violenta e predadora. Até que ponto essa discussão é relevante para a sociedade brasileira como um todo ou para seus diferentes grupos e categorias sociais é um tema estimulante.

Reler a herança portuguesa como “provocação”, enquanto estratégia que abre a possibilidade em tempos pós-utópicos e pós-modernos, de entender as condições que se atrelam à construção da identidade cultural brasileira, que não se esgota, porque nunca se dá plenamente, mas fazendo-se numa prática sempre em processo, é um dos desafios mais estimulantes da cultura brasileira nas suas relações com a cultura portuguesa².

Em conclusão, parece-nos irrefutável que há através da História um ininterrupto relacionamento, com altos e baixos, entre os dois países. As diferenças sócio-culturais são muito importantes, constituindo identidades próprias sem, no entanto, obscurecer a

¹ Segue no Anexo I, uma pesquisa jornalística, realizada pelo *Datafolha* (fornecedor independente de serviços de pesquisas de maior credibilidade no Brasil), no Rio de Janeiro e na capital portuguesa avaliando uma série de aspectos relativos às relações entre os dois países, das personalidades mais lembradas ao conhecimento histórico básico. O resultado desta pesquisa é um rico painel, que ajuda a compreender como os dois países evoluíram depois de tantos anos de história comum. Na europeizada Lisboa desse final de século, os entrevistados revelaram ter mais referências sobre a vida brasileira do que seus equivalentes no Rio têm sobre Portugal.

² Seria interessante comparar os processos de redemocratização no Brasil e em Portugal, avaliando as relações entre as esferas pública e privada nas duas sociedades.

relevância de dimensões compartilhadas e de uma significativa dinâmica de trocas culturais. Estas são expressão, causa e consequência da própria complexidade de ambas as sociedades. As transformações que têm ocorrido no mundo, desde as políticas e econômicas até as científicas, tecnológicas e culturais, introduzem novos desafios para as ciências sociais. É importante avaliá-las a partir da especificidade de cada Estado-nação e não contentar-se com modelos homogeneizantes onde há pouco espaço para a questão da diversidade cultural e de identidades sociais plurais, abertas e sempre em processo.

Bibliografia

- ABREU, Márcia. “O Rei e o Sujeito – considerações sobre a leitura no Brasil Colonial”, *Brasil e Portugal: 500 Anos de Enlaces e Desenlaces*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000, 189-199.
- ANDERSON, Perry. *The origins of Post modernity*. Londres:Verso, 1998.
- BASTIDE, Roger. *As religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BOSI, Alfredo. VELHO, Gilberto. *Projecto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- COSTA, Antônio Gomes da. “GILBERTO FREYRE – Os Portugueses nos Trópicos”, *Brasil e Portugal: 500 Anos de Enlaces e Desenlaces*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000, 58-61.
- FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: formação do patronato político Brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.
- GANS, Herbert, J. *Popular Culture and High Culture: an analysis and evaluation of taste*. New York: Basic Books, 1975.
- GOMES, Renato Cordeiro. “A herança portuguesa como provocação à identidade cultural brasileira”, *Brasil e Portugal: 500 Anos de Enlaces e Desenlaces*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000, 358-367.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LIMA, Maria Manuel. *Estereótipos de Adultos Moçambicanos Face à Aprendizagem..* (Tese de Mestrado em Psicologia da Educação). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra: 1996.

- LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 2000.
- LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as Duas Razões*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988.
- MATTOSO, José. *A Identidade Nacional*. Lisboa: Edição Gradiva, 1998.
- MENDES, Luís Filipe Castro. "Portugal e o Brasil: atribulações de duas identidades", *Brasil e Portugal: 500 Anos de Enlaces e Desenlaces*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000, 184-188.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *O Negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Ed. Org. Carlos Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VELHO, Gilberto. *Projecto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- VELHO, Gilberto. "Antropologia das sociedades complexas: continuidade e mudanças no Brasil e em Portugal", *Brasil e Portugal: 500 Anos de Enlaces e Desenlaces*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000, 151-160.
- <http://www.mre.gov.br/sei/portec.htm>, "Declaração Conjunta Brasil-Portugal". Lisboa, 1995.
- http://www.uol.com.br/fof/brasil500/entre_3.htm, "Ponto de vista do historiador britânico". São Paulo, 2000.
- <http://www.uol.com.br/fof/brasil500/terras.htm>, "Pesquisa realizada pelo Datafolha". São Paulo, 2000.
- <http://www.comciencia.br/reportagens/migra%E7%F5es/migr14.htm>, "Brasil: migrações internacionais e identidade". São Paulo, 2000"

ANEXO I

PESQUISA JORNALÍSTICA

Esta pesquisa é uma realização da Gerência de Pesquisas de Opinião do Datafolha. Ela foi realizada nos dias 17 e 18 de Março de 2000, no Rio de Janeiro, e entre 10 e 17 de Março de 2000, em Lisboa. Foram entrevistadas 616 pessoas com 16 anos ou mais no Rio e 402 na capital portuguesa. O Datafolha elaborou o questionário, definiu critérios de aplicação e processou as respostas. Para a realização dos trabalhos de campo em Portugal, contratou-se o Instituto Euroteste, de Lisboa (<http://www.uol.com.br/fof/brasil500/terras.htm>, 1999).

A pesquisa é um levantamento estatístico com amostragem estratificada por sexo e idade, com sorteio aleatório dos entrevistados. A margem de erro decorrente desse levantamento estatístico é de 4 pontos percentuais, para mais ou para menos, no Brasil, e de 5 pontos percentuais, em Portugal, dentro de um intervalo de confiança de 95%.

O Rio de Janeiro foi escolhido porque é a cidade brasileira onde a influência portuguesa é mais presente. Por sua vez, Lisboa concentra a maior parte dos Brasileiros que vivem e trabalham em Portugal.

As principais conclusões desta investigação foram as seguintes:

As referências que os Brasileiros têm de Portugal são mais precárias do que as dos Portugueses em relação ao Brasil.

Em termos gerais, os Portugueses vêem mais qualidades do que defeitos nos Brasileiros e, apesar do alto grau de desconhecimento revelado, também os Brasileiros vêem Portugal de forma positiva.

A pesquisa revela ainda que a noção de "países irmãos", que sempre marcou a retórica oficialista dos dois governos, não parece ter eco de maior na população. A percepção do outro país como uma segunda pátria foi citada por apenas 1% dos cariocas e não surgiu entre os lisboetas.

Os Brasileiros parecem ter retido de Portugal uma imagem que não mais corresponde à realidade do país, hoje em célere processo de modernização. Portugal nos últimos anos tem passado por uma vertiginosa mudança e a "tampa", na realidade, começou a ser retirada há 25 anos, com a queda do regime salazarista (1932-1974), mas foi a entrada do país na então Comunidade Económica Europeia (actual União Europeia), em 1986, que acabou aquecendo a economia para o "estouro da pipoca" moderna.

Num país em que os meios de comunicação até recentemente eram anacrónicos, autárquicos e estatais, a renovação tem sido decisivamente influenciada pelo know-how Brasileiro.

Se empresas portuguesas, como a Portugal Telecom e a Caixa Geral de Depósitos se instalaram recentemente no Brasil, os Brasileiros são responsáveis por uma considerável fatia do processo de abertura e modernização da comunicação social portuguesa.

Valores como a extroversão, a descontração, a alegria, a sensualidade e a informalidade, tão presentes na cultura brasileira, chegam aos Portugueses embrulhados em produtos modernos de consumo de massas. Estes produtos apresentam a grande vantagem de que são protagonizados por tipos assemelhados aos produtos portugueses, falados essencialmente na mesma língua.

Não é positiva, igualmente, a imagem que os Portugueses têm dos serviços públicos, das condições de habitação, da preservação ambiental, da política racial, do sistema educacional, dos transportes, do governo federal e do combate à corrupção. "Essa visão negativa do funcionamento do Brasil está presente em toda a Europa", diz Laura de Mello e Souza, professora do departamento de História da USP acrescentado que "não adianta o presidente ter sido da USP e falar cinco línguas. Essa imagem só vai melhorar quando acabar a miséria, o analfabetismo e a violência" (http://www.uol.com.br/fof/brasil500/500_4.htm, 1999).

A percepção negativa da vida real no Brasil não impede que os Portugueses avaliem que a ex-colónia tem hoje maior projecção internacional do que Portugal.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS:

	RIO DE JANEIRO	LISBOA
Proporção de homens	46%	45%
Proporção de mulheres	54%	55%
Idade	21% (16 a 24 anos) 38% (25 a 40 anos) 41% (41 anos ou mais)	53% (41 anos ou mais)
Escolaridade	19% nível superior	18 % nível superior
Rendimento a partir do salário mínimo Brasileiro	62% (até 10 salários) 21% (10 a 20 salários) 15% (superior a 20)	26% (até 10 salários) 30% (10 a 20 salários) 25% (superior a 20)
Não integra o mercado de trabalho	33% da população	45% da população

IMAGENS ENTRE BRASIL E PORTUGAL

	BRASILEIROS	PORTUGUESES
Qual a primeira ideia que vem à cabeça quando falam do outro país	13% descobrimento e colonização 6% ser um bom país 4% bacalhau	Futebol Telenovelas
Referências sobre o outro país	19% não souberam relacionar nada sobre Portugal	4% não souberam relacionar nada sobre o Brasil
Imagem positiva que um tem sobre o outro	6% vêem Portugal como um país excelente 3% citam o desenvolvimento 32% vêem o trabalho como principal qualidade	61% citam a alegria, bom humor, cordialidade, espontaneidade, amizade e a sociabilidade dos Brasileiros 9% citam que os Brasileiros são bons músicos, bons autores e bons actores
Imagem negativa que um tem sobre o outro	32% não souberam apontar um defeito 19% acham que os Portugueses são "pães-duros" 5% citaram a imagem de burrice e ignorância	12% citam a preguiça 11% mencionam que os Brasileiros são mentirosos 4% vêem os Brasileiros como abusados 6% despreocupados ou acomodados
Percentagem que gostaria de morar no outro país	24% dos cariocas gostariam de morar em Portugal	25% dos lisboetas gostariam de morar no Brasil
Qual o país de maior importância no mundo?	Brasil	Brasil
Personagens mais lembrados	Roberto Leal Camões Pedro Álvares Cabral	Jorge Amado Fafá de Belém Daniela Mercury Actores de novela: brasileiras Actores da música popular

IMAGENS RELATIVAS A:

	BRASIL/BRASILEIRO	PORTUGAL/PORTUGUÊS
Imagem da situação económica sobre o outro país	Maioria considera óptima	71% péssima
Segurança	Maioria considera óptima	80% péssima
Percentagem dos Portugueses que não têm preconceito em relação ao Brasil		78% (16 – 24 anos) 70 % (25 – 40) 57% (mais de 41)
Sistema de saúde Brasileiro	Maioria considera óptima	39% ruim ou péssimo 6% avaliam como óptimo ou bom
Condições de habitação	Maioria considera óptima	59% acha que o Brasil oferece péssimas condições de habitação à população
Cuidados com o meio ambiente	Maioria considera boa	38% diz que o Brasil não cuida do meio ambiente 12% vêem como boa a preservação ambiental
Política racial no Brasil	22% considera óptima ou boa 27% regular 21% má ou péssima	34% considera ruim ou péssima
Aspectos que justificam a maior importância do Brasil no mundo	75% por possuir riquezas naturais 42% por possuir uma economia mais forte	54% menciona a extensão do território 15% o fato de ser um país rico 15% ter uma economia mais forte
Aspectos que justificam Portugal como mais importante em relação ao Brasil	15% devido a qualidade de vida e desenvolvimento	56% citam o desenvolvimento e por pertencer à União Europeia
Aspectos que justificam a maior projecção do Brasil no mundo em relação a Portugal	Qualidade de vida Desenvolvimento	Belezas naturais Carnaval Telenovela Música Arte Cultura em geral Futebol

PERFIL DOS DOIS PAÍSES:

	BRASIL	PORTUGAL
População	161,8 milhões (98)	9,9 milhões (98)
Área total do país	8.511.965 km ²	91.985 km ²
Densidade demográfica	19,0 hab./km ²	106,54 hab./km ²
Produto Interno Bruto	US\$ 780,0 bi (98)	US\$ 102,17 bi
PIB per capita	US\$ 4.821 (98)	US\$ 10.773
Balança comercial	US\$ 6,43 bi (98)	US\$ 10.383 (97)
Déficit público	8,0% (98)	5,5% (95)
Inflação	1,8% (98)	2,2% (98)
Salário mínimo	00US\$ 107,4 (98)	US\$ 350,
Analfabetos	16,7% (95)	10,4% (95)
Mortalidade infantil	44/1.000 (96)	7/1.000 (96)
Expectativa de vida	67,6 anos (98)	75,1 anos (96)
População urbana	78% (96)	36% (96)

PORTUGAL cabe 92 vezes dentro do território **BRASILEIRO**
 O Produto Interno Bruto do **BRASIL** é 8 vezes o de **PORTUGAL**
 O PIB per capita **PORTUGUÊS** é 2 vezes o **BRASILEIRO**
 Para cada **PORTUGUÊS** há 16 **BRASILEIROS**

Aveiro, Maio de 2003

RESUMO

Este artigo tem como objectivo apresentar alguns limites e indicações de possível comparação entre as imagens da sociedade brasileira e da sociedade portuguesa, expondo-se as diferentes visões e representações que uma tem da outra, utilizando, para o efeito, o olhar de diferentes autores Portugueses e Brasileiros. Para situar melhor a dinâmica dessas relações, será apresentada uma pesquisa apontando possíveis diferenças, estereótipos, preconceitos e visões mútuas, concluindo-se que auto e hetero imagens de Portugueses e Brasileiros raramente coincidem.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil; Portugal; imagem; representação; cultura; estereótipo; antropologia.

ABSTRACT

This article aims to show some limits and indications of some possible comparisons between the images and representations of the Brazilian and the Portuguese society, showing different visions, stereotypes and representations that they have from each other using the perspective of Portuguese and Brazilian authors.

KEY-WORDS: Brazil; Portugal; image; representation; culture; stereotype; anthropology.